

DESVENDANDO O
CÓDIGO
MISSIONAL

TORNANDO-SE UMA
IGREJA MISSIONÁRIA
NA COMUNIDADE

ED STETZER
DAVID PUTMAN

Que livro empolgante! Parece um manual de treinamento para missionários que deve ser lido à medida que nos preparamos para uma aventura no exterior. Contudo, desta vez o mundo não está do outro lado do oceano, mas bem aqui onde moramos. Livros como esse me enchem de esperança em relação ao futuro da igreja — que todos levemos a sério o que está escrito nessas páginas.

Dan Kimball, pastor da igreja Vintage Faith Church e autor de *A igreja emergente* (Vida)

Muito de vez em quando, aparece um livro que (no mínimo de um ponto de vista saudável) nos apresenta uma maneira de ver a essência de algo e nos mostra o que devemos fazer. Esse livro faz isso ao tratar da estagnação do cristianismo tradicional formal: ele nos diz por que isso aconteceu e nos mostra como mudar essa situação.

George G. Hunter III, professor de Evangelismo na School of World Mission and Evangelization, no Asbury Theological Seminary

O dr. Stetzer é um irmão piedoso, um amigo precioso e o melhor pensador missional da América do Norte. Ele e David Putman nos deram um livro absolutamente necessário e de leitura essencial para qualquer pessoa que deseje uma transformação cultural efetuada por Jesus, e por meio da igreja.

Mark Driscoll, pastor da igreja The Trinity Church, em Scottsdale (Arizona), e fundador da Rede de Plantação de Igrejas Atos 29

Repleto de alma e de visão missionárias, *Desvendando o código missional* será um excelente manual para o movimento cristão no alvorecer do século 21. Fundamentado no melhor pensamento teórico, apresenta também a melhor proposta de aplicação prática. Estou certo de que será uma obra indispensável para pessoas e igrejas que queiram adotar uma postura genuinamente missional no Ocidente. Altamente recomendável.

Alan Hirsch, diretor da Forge Mission Training Network e autor de *Caminhos esquecidos: reativando a igreja missional* (Esperança)

Ed Stetzer e David Putman simplesmente se superaram com essa obra. Li o livro com entusiasmo da primeira à última página. Há nele um entrelaçamento de princípios atuais e de coisas que estão ocorrendo. Recomendaremos que todos os nossos plantadores de igrejas e pastores locais devam esse livro.

Bob Roberts, pastor titular da igreja North Wood Church e autor de *Transformation*

Esse livro é leitura obrigatória para quem quer liderar ou integrar uma transição em sua igreja de um modelo dirigido por programas para uma expressão missional. Ninguém entende mais disso do que o Ed. Mas, graças à análise precisa e às sugestões bem elaboradas de Ed Stetzer e de David Putman, você também pode se tornar um especialista no assunto! *Desvendando o código missional* permitirá que você saia da indecisão, de modo que possa se unir ao movimento missional.

Reggie McNeal, autor de *The present future*

Abrace o chamado de Jesus. Desvende o código missional para sua comunidade. Junte-se à expansão do reino de Deus onde ele o plantou. *Desvendando o código missional* vai ajudá-lo a começar este caminho. Não hesite. A colheita está esperando.

Dave Travis, vice-presidente executivo da Leadership Network

Ed Stetzer e David Putman desafiam as igrejas a olhar para além dos programas enlatados e das propostas de marketing para a evangelização. Abordagens padronizadas não funcionam mais — se é que já funcionaram. Em vez disso, os autores insistem que devemos pensar como missionários em nosso contexto. Precisamos aprender a observar e interpretar nossa cultura. Eles apresentam o antídoto para a rejeição das boas-novas de Jesus Cristo não porque são consideradas falsas, mas, sim, irrelevantes. Há nesse livro ponderações valiosas que ajudarão as igrejas a comunicar a mensagem mais vital do mundo com clareza e poder como uma voz que fala a partir da cultura.

Eddie Gibbs, autor de *Para onde vai a igreja* (Esperança) e *Emerging churches*

Desvendando o código missional é uma obra inovadora. É o primeiro livro que aplica de forma perspicaz princípios internacionais de missões a contextos norte-americanos. É leitura obrigatória para toda igreja que encara com seriedade a Grande Comissão na América do Norte e no mundo todo.

Elmer Towns, reitor da Liberty University

Permanecer fiel à Bíblia e relevante à cultura é uma combinação desafiadora. *Desvendando o código missional* vai ajudá-lo a navegar por essas águas desconhecidas e ajudará sua igreja a se relacionar com um grande contingente de pessoas desconectadas de Deus. Esse é um livro que toda a sua equipe ministerial precisa ler e digerir em conjunto.

Bob Reccord, presidente da Junta de Missões Norte-Americana

Sumário

<i>Prefácio de Ricardo Agreste</i>	13
Introdução	17
1. O contexto glocal emergente	21
A América do Norte mudou e é um continente em mudança. Como consequência, novos métodos e modelos estão surgindo para alcançar grupos novos e emergentes. Entender as pessoas que vivem aqui nos ajudará a desenvolver os tipos de igrejas que precisamos para alcançá-las.	
2. Como desvendar o código missional	33
Algumas igrejas conseguiram desvendar os códigos culturais e com isso levaram as pessoas em seu contexto a avaliar as afirmações de Cristo. Com isso, elas cresceram tremendamente — embora essas igrejas tenham a propensão de ter características muito diferentes umas das outras.	
3. Respondendo às comissões de Jesus	47
Envolver-se no ministério missional não é opcional; está associado às ordens de Jesus. Ele nos chama de modo inequívoco com detalhes reveladores.	

4. A mudança provocada pela igreja missional 61

Quando as igrejas se tornam missionárias em suas comunidades elas não se concentram em estratégias e fórmulas que funcionaram em outros contextos. Em vez disso, encontram estratégias que as ajudam a se relacionar com as pessoas em seu próprio contexto.

5. Transições para o ministério missional 75

As igrejas estão começando a entender o valor de ser missional e estão de fato alcançando as pessoas à sua volta. Contudo, são diferentes das igrejas bem-sucedidas do passado. Este capítulo mostra como algumas dessas igrejas fizeram a transição para o ministério missional.

6. Valores de líderes e de igrejas que desvendam o código 89

Toda igreja precisa de certos valores e propósitos transculturais e eternos. Esses valores não fazem parte da tarefa de desvendar o código, mas proporcionam as ferramentas necessárias para desvendá-lo.

7. Contextualização: tornando o código parte de sua estratégia 105

Muitos livros afirmam que é preciso analisar e compreender a comunidade para poder alcançá-la. Falar é fácil. Este capítulo o ajudará a aplicar o processo ao seu contexto.

8. Estratégias emergentes..... 123

Muitas igrejas estão aplicando novos métodos para se relacionar com as pessoas no contexto delas — e Deus está abençoando novas igrejas à medida que contam a história de maneiras inovadoras em novos contextos.

9. Formação espiritual e igrejas que desvendam o código 135

Compreender a natureza espiritual e a função de uma igreja missional capacita a igreja a se concentrar em seus propósitos.

10. Revitalização para o desenvolvimento do ministério missional 153

As igrejas precisam de revitalização. Muitas delas estão se renovando à medida que se reinventam e tornam a se envolver em suas comunidades.

11. Plantando ministérios missionais.....	169
A plantação de igrejas tornou-se a vocação preferencial de muitos pastores, mas eles não estão plantando igrejas da forma tradicional como outros fizeram. Estão encontrando formas novas e inovadoras de fundar igrejas no âmbito específico de seu contexto cultural.	
12. Redes emergentes: novos paradigmas de parcerias.....	185
Novas formas de trabalho conjunto começam a ganhar proeminência. Igrejas trabalham juntas de novas maneiras para implementar a visão que lhes foi dada por Deus.	
13. Desvendando o código sem comprometer a fé	195
Como se envolver para desvendar o código missional sem alterar ou comprometer a fé.	
14. As práticas consagradas de líderes e igrejas que desvendam o código	207
Como agem as igrejas que desvendam o código à medida que desempenham o ministério missional.	
15. O processo de desvendar o código	225
Um processo passo a passo para compreender e criar estratégias que alcancem sua comunidade.	
16. Desvendando o código não desvendado	239
A tarefa missionária é uma tarefa árdua, repleta de oportunidades inovadoras. Contudo, em algumas culturas e contextos, esses avanços ainda não ocorreram. Nossa tarefa consiste em ser fiéis ao âmago da nossa mensagem à medida que buscamos novas maneiras de comunicar o evangelho em cada contexto. As igrejas estão investindo em líderes mais jovens e ampliando intencionalmente sua visão de missões e seu ministério em novas regiões não alcançadas tanto locais quanto no mundo todo.	
<i>Epílogo</i>	<i>251</i>

Prefácio

ESTA OBRA É, PARA MIM, uma das mais significativas a ser escritas por meu amigo Ed Stetzer em parceria com David Putman. Trata-se de uma abordagem prática, sem deixar de ser conceitual, de um dos maiores desafios enfrentados pelas igrejas da atualidade: a redescoberta de seu caráter missional no contexto de uma sociedade que se torna aceleradamente pós-cristã.

Por falar em contexto, precisamos também ser honestos e destacar o fato de que o livro é escrito com base em uma análise da realidade de igrejas norte-americanas, das quais emergem os seguintes questionamentos: “Por que algumas igrejas estão morrendo? Por que outras estão lutando bravamente para simplesmente sobreviver? Por que poucas estão efetivamente crescendo ao pregar a conversão ao evangelho de Jesus?”. Ainda assim, a análise feita por Stetzer e Putman se torna altamente pertinente se considerarmos que a grande maioria de nossas igrejas se encontra em regiões urbanas, vivendo sob a forte influência de uma cultura global. Ou seja, existem traços comuns que permeiam a mente e moldam as atitudes de homens e mulheres da atualidade, estejam eles nos Estados Unidos, na França, na Nigéria, na Austrália, na Rússia ou no Brasil. Por esse motivo, precisamos encarar o fato de que o problema apresentado por Stetzer e Putman também se faz presente no contexto em que estamos inseridos.

A grande maioria dos cristãos vive hoje cercada por não cristãos, alguns dos quais sem nenhuma memória cristã. Essa tomada de consciência tem implicações radicais para nós quanto à forma de organizarmos nossas igrejas, pregarmos domingo após domingo e desafiarmos os membros de nossas comunidades.

Gosto de ilustrar o que acabei de afirmar trazendo para o presente o cenário em que me via inserido há quarenta anos, quando ainda adolescente. Naquela época, a grande maioria dos meus amigos, se não a totalidade deles, era de origem católica romana. Como evangélico, fui ensinado que eles deveriam ser o alvo da minha evangelização, uma vez que não eram tidos como efetivamente cristãos. No entanto, quando converso com adolescentes cristãos hoje, percebo que o problema deles é imensamente maior do que aquele que enfrentei há quatro décadas. Em suas escolas, estes jovens estão cercados por amigos que nem sequer creem na existência de Deus, jamais viram uma Bíblia e cresceram em famílias com uma forma de pensar e, por conseguinte, com valores completamente desconectados dos valores cristãos.

Quando adolescente, tinha diante de mim um grande desafio. Mesmo assim, meus amigos católicos romanos compartilhavam comigo de uma cosmovisão cristã. Não eram seguidores de Jesus, mas sabiam quem ele era, tinham respeito por suas palavras, conheciam muitas de suas histórias e recorriam a ele em tempos de crise. Ou seja, eu estava muito mais próximo de alcançá-los do que imaginava na época. A compreensão dessa grande mudança cultural ocorrida nas últimas décadas é fator primordial para entendermos a razão de muitas igrejas estarem morrendo, de outras estarem simplesmente sobrevivendo e de pouquíssimas estarem fazendo novos discípulos. Não estou considerando aqui o fenômeno de algumas igrejas que são plantadas ou crescem a partir de ex-membros insatisfeitos de outras igrejas. Como já foi dito por um amigo, isso deveria ser categorizado como canibalismo evangélico (o corpo de Cristo comendo o próprio corpo).

Mais do que entender por que as igrejas estão morrendo (ou meramente sobrevivendo), precisamos pensar no que Jesus nos chama a fazer na história. Por isso mesmo, Stetzer e Putman precisam ser lidos com muita atenção, pois são categóricos em afirmar que o problema enfrentado pelas igrejas na atualidade não será resolvido pela mera imitação de modelos bem-sucedidos em outros contextos. Cada comunidade local está inserida numa cultura específica, apesar de seus vínculos com a cultura global, como dissemos anteriormente. Por isso, as igrejas precisam aceitar o desafio de compreender a cultura para a qual foram enviadas por Jesus. Se desejam comunicar o evangelho aos homens e mulheres dessa cultura, precisam criar pontes e fazer uso da linguagem e dos meios que fazem sentido a eles.

Mas não é exatamente isso que missionários faziam nos séculos passados quando enviados para culturas completamente desconectadas da cosmovisão cristã? Esses missionários só conseguiram comunicar o evangelho depois que

compreenderam a cultura daqueles para os quais foram enviados. Igrejas foram estabelecidas à medida que missionários moldaram suas estratégias e métodos ao contexto no qual atuavam.

O mesmo desafio envolve as igrejas locais que se encontram hoje nos mais variados centros urbanos do mundo. A percepção de que não vivemos mais num mundo em que a cosmovisão cristã predomina e de que as pessoas às quais fomos enviados a comunicar o evangelho não trabalham com as mesmas categorias com as quais trabalhamos desafia a igreja a uma profunda mudança. Não se trata de mudança no conteúdo da mensagem, mas na forma de comunicar essa mensagem.

Esse é o cerne do que nos é apresentado aqui por Stetzer e Putman. Trata-se de um convite a perceber o que está acontecendo na cultura que nos cerca e um desafio a repensar a igreja que é enviada para comunicar o evangelho a homens e mulheres inseridos nessa cultura. Ao ler as palavras deste livro, pastores e líderes serão desafiados a mudar.

Com certeza, nenhum de nós se sente confortável com mudanças. Somos propensos a estabelecer hábitos, firmar preferências e erigir muralhas para defender nossa zona de conforto. No entanto, precisamos perceber que a mudança que somos chamados a viver não é uma opção, mas um imperativo. Não há como nos engajar hoje na missão sem aceitar o desafio de mudar. Além disso, precisamos nos lembrar da nossa principal fonte de encorajamento: Jesus. Ao observar o que aconteceu na missão de nosso querido e amado Mestre, segundo nos é descrito por Paulo em Filipenses 2, podemos ver que Jesus abriu mão de sua posição ao lado do Pai para se tornar homem e, “na forma de homem, humilhou a si mesmo, sendo obediente até a morte e morte de cruz”. Em outras palavras, com o firme propósito de cumprir a missão que lhe foi dada pelo Pai, Jesus se submeteu a uma mudança radical.

É por esse mesmo Jesus que hoje somos enviados ao mundo. É ele mesmo quem nos diz: “Assim como o Pai me enviou, eu vos envio”.

Boa leitura!

RICARDO AGRESTE DA SILVA,
 presidente do CTPI
 (Centro de Treinamento para Plantadores de Igrejas)

Introdução

EM TODA A AMÉRICA DO NORTE, pastores e igrejas estão entusiasmados. Pastores dinâmicos estão introduzindo métodos e modelos inovadores para alcançar de modo eficaz as pessoas de sua localidade. Muitas igrejas estão experimentando um crescimento vertiginoso porque estão aprendendo a se relacionar com as pessoas de sua vizinhança. Pastores e igrejas estão desvendando os códigos culturais de suas comunidades. Pessoas estão respondendo a um chamado que é fiel à Bíblia e culturalmente relevante.

Ao mesmo tempo, muitos pastores estão frustrados. Participaram de congressos, compraram os DVDs e aplicaram as estratégias. Contudo, não experimentaram os resultados “anunciados”. As pessoas em suas comunidades simplesmente não estão respondendo da mesma maneira; não estão respondendo do modo que o palestrante entusiasmado do congresso prometeu.

Por que algumas igrejas e pastores são tão eficazes e outros não? Com frequência, ambos são fiéis na pregação, no ensino e no evangelismo. Até mesmo pastores de habilidades e crenças parecidas notam que suas estratégias funcionam para um pastor, mas não para o outro (ou talvez funcionem para ambos, mas, de modo surpreendente, não funcionam para uma porção de outros pastores).

Estamos convictos de que você pode ser igualmente chamado, capacitado e apaixonado por sua missão, e mesmo assim experimentar graus variados de êxito em razão do modelo de ministério que utiliza. Em outras palavras, *a forma de atuar* influencia sua capacidade de alcançar as pessoas de sua localidade de modo eficaz. Este livro o ajudará a refletir sobre o seu contexto, aplicar princípios universais no

ambiente em que atua e, depois disso, identificar e aplicar estratégias que o tornarão mais eficaz em seu meio.

Desvendar o código não significa somente descobrir o melhor modelo (ou modelos) para a sua localidade. Significa, sim, descobrir os princípios que funcionam em todos os contextos, selecionar as melhores ferramentas para o seu contexto (que poderão surgir a partir de métodos e modelos) e, em seguida, aprender a aplicá-los de um modo missionalmente eficaz. Significa pensar missiologicamente e “se não nos concentrarmos na missiologia, estaremos sendo desobedientes à Grande Comissão”.¹ De acordo com Mittelberg, “aqueles preocupados em alcançar pessoas seculares em nossa sociedade cada vez mais pós-cristã precisam recuar e compreender o cenário cultural do nosso campo missionário”.²

Há séculos os missionários estão cientes disso. Sabem que precisam ter uma compreensão profunda da cultura anfitriã antes de planejar uma estratégia para alcançar o grupo de povo específico naquele contexto cultural. É por isso que eles estudam primeiramente a cultura a fim de descobrir estratégias que funcionem entre as pessoas que vivem naquele ambiente cultural. A história de missões está repleta de relatos de grandes avivamentos porque missionários foram capazes de “desvendar o código”, e a igreja cresceu de modo vertiginoso no lugar onde está situada. Os missionários encontraram a janela da redenção por meio da qual o evangelho pode resplandecer.

Para muitos, a ideia de que há um código missional é estranha. Afinal de contas, pensam: “Isso aqui não é um campo missionário”. Isso talvez explique o modo por que muitos líderes de igrejas fazem distinção entre evangelismo e missões: o evangelismo ocorre perto de nós; já a obra missionária ocorre no exterior. Algumas igrejas “pensam longe” e têm mira de “longo alcance” no tocante a missões internacionais, mas negligenciam as pessoas à sombra do seu campanário. Isso acontece porque, com frequência, a América do Norte não costuma ser vista como campo missionário, ou é vista como um campo “alcançado” que só requer uma estratégia de evangelismo. Tendemos a pensar que o verdadeiro envolvimento missional não é necessário em nossa cultura norte-americana paganizada, secularizada e espiritualizada.

¹Reggie McNeal, *The present future* (San Francisco: Jossey-Bass, 2003), p. 51.

²Mark Mittelberg, *Building a contagious church* (Grand Rapids: Zondervan, 2001), p. 34 [edição em português: *Igreja contagiante* (São Paulo: Vida, 2011)].

O evangelismo se resume a falar de Jesus às pessoas; fazer missões trata de compreender seu público antes de compartilhar o evangelho com ele. Não importa no que você crê a respeito do contexto norte-americano — se já foi alcançado em grande medida ou não, se é incubador religioso ou campo missionário, se é pagão ou cristão —, todos concordamos que grandes segmentos de pessoas em nossa sociedade ainda não foram alcançados. Muitos aspectos da nossa cultura ainda precisam ser influenciados pelo evangelho. Aplicar princípios missionários ao contexto norte-americano significa buscar compreender o contexto cultural e as pessoas que fazem parte dele à medida que procuramos alcançá-las com o evangelho. Isso nos levará a ser mais eficazes à medida que nos unimos a Deus para aumentar o número de seguidores de Jesus Cristo e levá-los a segui-lo de maneira mais comprometida.

Além disso, a necessidade real não se resume somente a uma compreensão do pensamento missiológico, mas ao compromisso de aplicar também o pensamento “missional”. Embora a missiologia em si preocupe-se com o estudo *sobre* missões e suas metodologias, o pensamento missional se concentra no *fazer* missões em todos os lugares. Ele nos obriga a ver nosso contexto geográfico pelas lentes de grupos de povos, segmentos populacionais e ambientes culturais. A compreensão do pensamento missiológico básico deve preparar os líderes cristãos para serem missionais em sua abordagem. Devemos perguntar: como podemos ensinar nossos líderes a ir além da tentativa de reciclar e de reproduzir modelos de cultura eclesial e seguir em direção a uma estratégia mais bíblica e missional em cada um de seus contextos culturais específicos?

Hoje, precisamos agir como os missionários internacionais já atuam por séculos. Por quê? Porque as Escrituras nos ensinam que a igreja é o missionário de Deus no mundo. Se vamos nos unir a Deus em sua missão, precisamos reconhecer que somos missionários... onde quer que ele nos coloque — assim como os primeiros discípulos.

Capítulo 1

O contexto glocal emergente

Lembro-me de ter me sentido arrasado com o fato de que não havia muitas igrejas alcançando a próxima geração, que tivessem características tanto pós-modernas quanto multiétnicas. Quando criança, meus melhores amigos eram afro-americanos ou brancos. Perguntava-me por que as igrejas eram tão segregadas. Além disso, percebia que a maior parte das igrejas que eu conhecia não conseguia se conectar com meus amigos. A igreja lhes parecia irrelevante e tediosa.

DAVID GIBBONS, igreja Newsong Church

DESVENDAR O CÓDIGO REQUER A CONVICÇÃO de que há um código a ser desvendado. Desvendar o código significa que precisamos reconhecer que há barreiras culturais, e não só espirituais, que impedem as pessoas de entender o evangelho. Nossa tarefa é encontrar o modo correto de superar essas barreiras culturais sem desconsiderar os obstáculos espirituais e teológicos.

É isso que os missionários sempre fizeram. Hoje não é diferente. A América do Norte é um contexto missionário, não porque as pessoas sejam menos cristãs do que outrora (embora isso seja verdade), mas porque Deus nos “enviou”

à América do Norte. É um campo missionário porque Deus nos enviou para cá como missionários.

Contudo, estamos deixando de enxergar uma realidade evidente se não reconhecermos que se trata de um campo missionário mais complicado do que já foi. Historicamente, a igreja cristã foi a primeira escolha dos norte-americanos com preocupações espirituais — hoje, com frequência ela não aparece na lista das dez mais. Há anos, quando as pessoas buscavam respostas espirituais, procuravam a igreja. Atualmente, muitas olham para qualquer pessoa e para qualquer coisa, menos para nós.

Desvendar o código é o reconhecimento de que há características visíveis e invisíveis numa vizinhança que tornará seus membros avessos ou receptivos à igreja e à sua mensagem do evangelho. Cristãos perspicazes descobrem essas questões relevantes e rompem a resistência que elas apresentam — de modo que o nome e a realidade de Jesus Cristo sejam mais amplamente conhecidos.

Uma das maiores barreiras culturais com a qual deparamos é o contexto “glocal” emergente. Usamos o termo para nos referir à convergência da realidade **global** com nossa realidade **local**. A América do Norte se tornou uma “comunidade *glocal*” que requer novas estratégias para um ministério eficaz.

Quando a igreja era a primeira escolha dos que tinham fome espiritual, bastava estarmos presentes. Eles sabiam que estávamos ali. A maioria das pessoas tinha amigos que frequentavam a igreja. Tudo o que tinham de fazer era vir... e eles vinham.

Agora, precisamos de estratégias mais proativas. Precisamos ir às pessoas. Talvez tenhamos perdido terreno porque achávamos que eles deveriam vir a nós. Agora, precisamos de métodos e modelos que lidem com o contexto glocal em transformação que é a América do Norte. As pessoas não se restringem a pensar somente na dimensão local: elas pensam glocalmente.

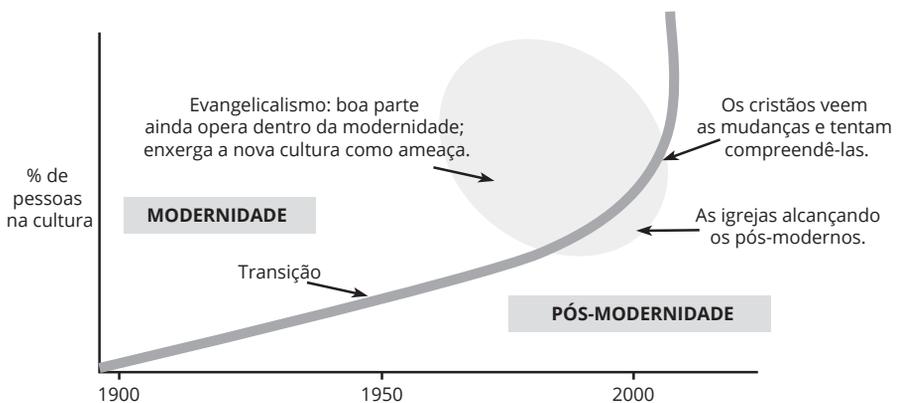
Em primeiro lugar, é importante compreender a situação em que nos encontramos. Um bom exemplo de igreja inserida nas mudanças culturais está em Miami, próxima da Calle Ocho (rua Oito), centro do que é hoje a comunidade de latinos. A Calle Ocho nem sempre foi o centro da Pequena Havana. Houve uma época em que era parte da cultura que existia em Miami, antes da afluência de cubanos.

Foi então que Fulgencio Batista caiu e Fidel Castro assumiu o poder. Um milhão de cubanos se mudaram para a região e, de repente, aquela igreja não fazia mais parte do contexto em que estava inserida; era uma colônia em meio a outra cultura. Era preciso mudar para alcançar os novos vizinhos ou morrer. A exemplo da maioria das igrejas, ela decidiu preservar sua cultura e perder a vizinhança.

Hoje, a igreja na América do Norte está em situação semelhante. A cultura mudou. Embora essa mudança cultural tenha sido mais sutil e gradual do que aquela

que ocorreu em Miami, o contexto cultural definitivamente mudou. Muitas pessoas empregam diversos termos para descrever a mudança ocorrida. O termo que mais recebe atenção é o “pós-modernismo”. Contudo, uma vez que o pós-modernismo é uma forma de arte, uma categoria literária, uma disciplina acadêmica, e até mesmo uma força cultural, nem mesmo ele é capaz de descrever a situação. No entanto, para o propósito deste livro, usaremos o termo “pós-modernismo” para nos referir à mudança cultural ocorrida em nossa sociedade. Muitos hoje estão fugindo do termo “pós-modernismo”. Já que alguns demonstram preocupação com a influência do pós-modernismo na igreja emergente, todos os livros e tópicos que fazem referência à palavra devem ser ocultados! Contudo, até que haja um novo termo, simplesmente reconhecemos que o mundo mudou e que vivemos num mundo que passou da era moderna para outra que é “pós”.

Basicamente, a pós-modernidade é a rejeição da visão moderna de vida e a adoção de algo novo. Não se trata da geração x [os nascidos entre 1965 e 1980] (só pastores e profissionais de marketing usam o termo atualmente). Aliás, não se trata do pós-modernismo, porque, embora boa parte da cultura tenha mudado, não mudou em toda parte. O gráfico do livro *Planting new churches in a postmodern age*¹ nos ajudará a entender a mudança da cultura mais ampla, do modernismo para o pós-modernismo, e de que forma ela se relaciona com a igreja.



¹*Planting new churches in a postmodern age*, posteriormente publicado como *Planting missional churches: planting a church that's biblically sound and reaching people in culture* (Nashville: Broadman and Holman Academic, 2006) [edição em português: *Plantando igrejas missionais: como plantar igrejas bíblicas saudáveis e relevantes à cultura*, tradução de A. G. Mendes (São Paulo: Vida Nova, 2015)].

Muitos pastores estão entusiasmados. Suas igrejas estão crescendo e atingindo o propósito missional de vincular a mensagem do evangelho a mais áreas da cidade. Já outros líderes, adotando exatamente o mesmo modelo de evangelismo, estão frustrados por alcançarem resultados bem mais modestos. Significa que "avanços missionais significativos" não têm de ocorrer em determinado local só porque ocorreram em outro.

Isso ajuda a explicar por que a mensagem de Jesus Cristo continua estranha para muitos que estão à margem da igreja em nosso país, cidade ou bairro. Diante desse contexto, *Desvendando o código missional* lança um importante chamado: nossas igrejas precisam agir em suas comunidades locais da mesma forma que os missionários atuam em um país estrangeiro, para que assim muitas vidas em nosso próprio quintal também possam ser transformadas.

Nesse esforço por alcançar aqueles que ainda não foram impactados pela Palavra ou que estão desconectados do evangelho, não existem fórmulas padronizadas ou atalhos, mas, sim, códigos culturais que todas as igrejas precisam levar em conta para terem êxito em seu contexto missionário específico. Esta obra oferece informações reveladoras de especialistas no que tange à igreja, à cultura e à missão, ilustradas com estudos de caso de igrejas missionais com crescimento vertiginoso e impacto significativo nas regiões em que atuam.



Apoio ministerial:



 vidanova.com.br

 [/vidanovaedicoes](https://www.facebook.com/vidanovaedicoes)

 [@edicoesvidanova](https://twitter.com/edicoesvidanova)

ISBN 978-85-275-0809-4



9 788527 508094